



# A POLIFONIA DE VOZES NA OBRA DE SANTO AGOSTINHO *A VIDA FELIZ*

The polyphony of voices in Saint Augustines's work *A vida feliz*

Hélcia Macedo de Carvalho Diniz e Silva\*  
Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ)  
Thiago Antonio Avellar de Aquino\*\*  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)  
DOI: 10.29327/256659.16.1-3

## RESUMO:

A interdisciplinaridade entre as Ciências das Religiões e a Filosofia medieval forma o campo desta pesquisa, debate necessário e urgente sobre a compreensão acerca do conceito de felicidade, condição almejada por todo ser humano. O objetivo geral é o de analisar a obra *A vida feliz*, de Santo Agostinho com o uso do *software* de interface de *R* para o programa estatístico *Pourles Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRaMuTeQ), tecnologia de pesquisa que fornece a Nuvem de palavras, Análise de similitude e Classificação Hierárquica Descendente (CHD). Os resultados compõem o *corpus* com segmentos de textos, dados cujos contextos serão tratados com base no quadro teórico-metodológico bakhtiniano, metodologia de análise do discurso, de natureza qualitativa e método interpretativo.

**Palavras-chave:** IRaMuTeQ. A vida feliz. Santo Agostinho. Ciências das Religiões. Filosofia medieval.

---

\* Doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Doutora em Linguística e Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Acadêmica do Curso da Licenciatura em Ciências das Religiões (UFPB). Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação e da Graduação em Direito pelo Centro Universitário de João Pessoa-UNIPÊ. E-mail: [helciamacedo@yahoo.com.br](mailto:helciamacedo@yahoo.com.br)

\*\* Doutor em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor Adjunto do Departamento de Ciências das Religiões da UFPB (João Pessoa-PB). E-mail: [thiagoaquino19.ta@gmail.com](mailto:thiagoaquino19.ta@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa no âmbito das Ciências das Religiões e da Filosofia medieval, com caráter interdisciplinar, objetiva analisar o discurso do filósofo e doutor da Igreja, Santo Agostinho (1998), na obra *A vida feliz*. Esta análise é necessária na discussão filosófico-religiosa sobre o conceito de felicidade, tema que interessa tanto as pessoas comuns como os especialistas nos estudos deste entrecampo. Ressalta-se, ainda, que Santo Agostinho (1998) tratou dessa temática desde a sua conversão, quando da leitura do livro intitulado: *A Virgindade*, de autoria de Santo Ambrósio (1980), o seu mentor espiritual. Com efeito, foram os sermões desse bispo que penetraram na alma agostiniana, escutar as suas pregações na Igreja era encontrar-se com a verdade, o que trazia felicidade.

Este trabalho enfoca um tema filosófico-religioso como contribuição para a literatura, vem preencher uma lacuna sobre a compreensão acerca do conceito da felicidade, como algo que impõe e torna-se estritamente necessária, uma condição essencial, para se alcançar a vida feliz. Compreender essa necessidade possibilita as pessoas, em geral, bem como aquelas que se consideram mais conhecedoras do tema, uma aproximação com a filosofia agostiniana.

Para tanto, o recorte contextual é imperativo, o Período da Idade Média nos remete a uma discussão tanto no âmbito das Ciências das Religiões como da Filosofia Medieval, por argumentar que “a ideia é considerada verdadeira se for baseada nos argumentos de autoridade reconhecida (Bíblia, Platão, Aristóteles, um Papa, um Santo)” (Chauí, 1994, p. 54). Além desses pensadores, as ideias desenvolvidas por Santo Agostinho (1998) nas obras estudadas são fundamentos para analisar o conceito de vida feliz, isso porque recorreremos a uma ferramenta que suporta várias técnicas de análise de texto, o IraMuTeQ, que é um software de suporte analítico, utilizado como instrumental para as análises do discurso realizadas no *corpus*, que são os segmentos de textos extraídos da obra *A vida feliz* (Agostinho, 1998).

Para tanto, de modo específico, aplicar o IraMuTeQ como uma ferramenta para análise religiosa-filosófica consiste em obter fundamentos a partir dos segmentos de textos. O texto inserido no IraMuTeQ, que tem *software* de interface de R como suporte, recebe o tratamento dos dados de modo a entregar o *corpus* para análise. Com esse material passa-se ao ato de analisar o discurso agostiniano com base no quadro teórico-

metodológico de Bakhtin (1999) com foco na polifonia de vozes. Especificamente, o conceito de polifonia de vozes serve para identificar as várias vozes nos discursos analisados.

Polifonia de vozes, de acordo com Bakhtin (2008, p. 307), “é a parte essencial de toda enunciação, em um mesmo texto, formado de diferentes vozes no discurso, que é composto por diversos discursos”. Essa é a base cujo fim é obter fundamentos para compreender problemas mais profundos, e desenhar o conceito agostiniano de felicidade ao lado das contribuições de sua mãe, Santa Mônica.

A obra *Vida feliz*, portanto, serve de base para formar o *corpus* desta pesquisa; sobre o quadro teórico-metodológico bakhtiniano, a polifonia de vozes é aplicada ao inventário de segmento de textos extraídos. Como critérios de inclusão estão as classes de palavras e frases encontradas. Os critérios de exclusão concentraram-se nos conteúdos entregues pela ferramenta que não se referiam diretamente ao objeto de pesquisa a saber, a polifonia de vozes na obra agostiniana sobre a vida feliz. A presente pesquisa, contribui para o diálogo sobre o viver do ser humano em torno da felicidade, no contexto analisado, bem como nas estratégias metodológicas de pesquisa acerca do cristianismo medieval. Acredita-se que entender o passado é um grande passo para a reflexão do presente. Para as transformações de atitudes e seguridade de um futuro com mais bem-estar entre as pessoas.

O caminho que a pesquisa trilhou iniciou-se com a contextualização da obra de Santo Agostinho: *Vida feliz*, quando foram investigados os elementos contextuais; em seguida as relações entre Ciências das Religiões e Filosofia Medieval, para assegurar a compreensão de que é um trabalho interdisciplinar; passando para a necessidade de compreender a ferramenta que suporta técnicas de análise textual: IRaMuTeQ em relação com o conceito de polifonia de vozes em análise do discurso bakhtiniana. Essa trilha favorece a compreensão da polifonia de vozes na obra em tela.

## CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA DE SANTO AGOSTINHO: *A VIDA FELIZ*

A obra *A vida feliz*, escrita por Santo Agostinho (1998), é um livreto de 43 páginas, cujo título original em latim é: *De beata vita*. Trata-se de um colóquio, estilo de registro pouco comum para a Idade Média. Sabemos que o autor estava inspirado nos diálogos platôni-

cos, pois consiste em argumentação filosófica e lógica com argumentos de autoridade, com vistas a fundamentação do cristianismo. Todos os sujeitos presentes na obra, juntos, buscavam o conceito de felicidade. A ênfase na espiritualidade como meio para se chegar à vida feliz é predominante no texto. Assim, ponto de contato entre Filosofia medieval e Religião está na argumentação teológico-filosófica no todo do diálogo.

O colóquio desenvolve-se no contexto de uma frugal refeição, da qual participa um seletivo grupo que se reuniu na “sala de banhos, em ambiente tranquilo e adequado”, por ocasião da celebração do 32º aniversário de Santo Agostinho (1998, p. 123).

Estavam todos empenhados para responder ao questionamento: “É feliz quem tem o que deseja?” Esta pergunta que motivou Santo Agostinho a reunir seus amigos e discípulos norteia toda a obra:

Alípio, Licêncio, Trigésio, seu irmão Návio, seu filho Adeodato e sua mãe Mônica, na chácara cedida por seu amigo Verecundo, em Cassiciaco, Agostinho conduzirá um diálogo em torno de um tema clássico e fundamental para a Antiguidade: a felicidade. Desses três dias de diálogo filosófico nasceu a obra, *A vida feliz* (Frangiotti, *In*: Santo Agostinho, 1998, p. 111).

Eis o contexto do diálogo: a busca pela felicidade, que tem a participação da mãe do autor, Santa Mônica, de modo enfático e evidente. O discurso do autor torna-se essencial porque apresenta as pessoas envolvidas na conversa. Santo Agostinho, ao escrever a sua argumentação, reconhece a mulher que lhe gerou, a sua mãe, a quem é dada ampla participação com o seu voto e seu valor, daquela considerada sábia com direito a voz, no espaço filosófico, à época, reservado apenas ao homem.

Conforme registrado por Frangiotti (1998), que fez a introdução da obra *A vida feliz*, o tema da felicidade despertou o interesse de Santo Agostinho (Frangiotti, *In*: Santo Agostinho, 1998, p. 112), “[...] a partir da leitura do *Hortênsio* de Cícero, de fato, repassava, num exame crítico, todas as escolas e seitas filosóficas, assinalando os erros de cada uma delas, para concluir num ecletismo filosófico ideal e temperado”, que a felicidade verdadeira, não estava limitada ao que poderia ser proporcionado pela filosofia, como pensaram os grandes filósofos da antiguidade:

Os grandes filósofos da Antiguidade dedicavam-se à filosofia como caminho que conduz à felicidade. [...] Filósofos como Sócrates, Platão, Aristóteles, combateram estas concepções ‘materialistas’, ‘mundanas’ da felicidade. Para eles, a felicidade, isto é, a posse do ‘bem supremo’ consiste em aperfeiçoar-se como homem, ou seja, em desenvolver aquelas atividades que diferenciam o homem de todas as outras coisas. Aristóteles chega até mesmo a dizer que empregar a vida para se conseguir prazer torna-nos ‘semelhantes aos escravos’ e lança-nos numa vida ‘digna dos animais’. O sucesso é algo extrínseco que não depende de nós, mas de quem no-lo confere (Frangiotti, *In: Santo Agostinho*, 1998, p. 112).

Apresentado o assunto e o contexto resta dizer que o diálogo sobre o conceito de felicidade encontra-se na fase da vida de Santo Agostinho em que seus argumentos, embora tenham fundamentos filosóficos, não mais propõe a filosofia como âncora, mas a religião. Ou seja, o que importa é a posse de Deus “Só a posse de Deus garante e produz a felicidade: se alguma coisa merece ser designada como dom de Deus, certamente é a vida feliz” (Frangiotti, *In: Santo Agostinho*, 1998, p. 114). Este argumento tem relação sistemática entre os escritos da filosofia antiga grega.

Ressalta-se que na introdução da obra agostiniana o autor Roque Frangiotti (1998, p. 113), explica que para Santo Agostinho o estoicismo e o epicurismo, fundem-se no ecletismo, como abordado “[...] no *Hortensius*, Cícero tratou frequentemente do tema da felicidade. Ele adota, sem hesitação, essas ideias ao expor a atitude do sábio diante dos bens materiais, e ao fazer consistir a felicidade na razão”. Não obstante, corrigindo a argumentação racional, que dá suporte à explicação teológica, o filósofo e doutor da Igreja retrata-se e declara que possuir a Deus garante e produz no ser humano uma vida feliz.

A narrativa da obra *A vida feliz* desenvolve-se na celebração natalícia de Santo Agostinho, com amigos, discípulos, filho e a sua mãe Santa Mônica, esta que é colocada em lugar proeminente quando da conceituação da felicidade, a voz da mãe e inaugura na literatura a perspectiva inovadora no medievo. Observa-se que é a voz desta mulher que emite a opinião sobre os acadêmicos (Santo Agostinho, 1957), argumento desenvolvido no tópico 16 (Opinião de Mônica sobre os acadêmicos). Em seguida mostra-se as relações entre as Ciências das Religiões e a Filosofia medieval, a fim de delimitar a presente investigação nesse ponto situado na intersecção entre estes campos do conhecimento.

## RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES E FILOSOFIA MEDIEVAL

As relações entre Ciências das Religiões e Filosofia Medieval são estreitas quando o assunto é a pesquisa científica que abrange essas duas áreas do conhecimento. A ligação objetiva desses dois conceitos, nesta pesquisa, está no ponto de intersecção, que é justamente o discurso de Santo Agostinho sobre a vida feliz, uma vez que filósofos e cientistas das religiões se preocupam com o conceito de felicidade.

Esta é a seção que apresenta um recorte possível sobre as relações entre os conceitos: Filosofia Medieval e Ciências das Religiões. O primeiro, cristalizado como campo filosófico e desenvolvido no medievo desdobrou-se em Filosofia da Religião e segundo é um campo de estudo recente, as Ciências das Religiões consiste em conceito que a literatura evidencia o fato de que os teóricos ainda não entraram em consenso. Segundo Teixeira (2001) em *A(s) ciência(s) da religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica*, este campo de pesquisa tem as seguintes denominações:

aparece no singular: Ciência da Religião, também vem pluralizado: Ciências das Religiões, e, ainda, da seguinte forma: Ciência das Religiões. Como se pode perceber, existe evidente distância de entendimentos entre os teóricos da área, podendo ser usado quaisquer termos, desde que se uniformize a nomenclatura (Teixeira, 2001, p. 3).

Esta pesquisa adota a nomenclatura Ciências das Religiões. Leva-se em conta a etimologia dessas palavras e as raízes dos termos que compõem esse campo de investigação, para situar os diálogos interdisciplinares. A explicação da etimologia da palavra *religio* mostra a origem e o conceito dos estudos religiosos, Azevedo (2010, p. 91) explica o uso antigo “que o relaciona ao escrúpulo, impõe uma única interpretação dada por Cícero (século I a.C.)”. “[...] A religião tende a valorizar o laço que liga (*religare*) o homem a Deus segundo a célebre etimologia proposta por Lactâncio relacionando-a com *Relegere*” (Azevedo, 2010, p. 93). *Religare* tem em sua etimologia o significado de que é o laço que une o ser mortal com o ser imortal, Deus. C.Prandi (1987) usa o conceito de religião, conforme a etimologia, que valoriza o homem ligado a Deus. Faz-se necessário recorrer a perspectiva encontrada em *Problèmes de linguistique Générale*, escrito pelo autor francês Benveniste (1966, p. 71):

a palavra '*religio* é incerta e tem várias teorias sobre a sua origem [...] tem origem obscura e expressa uma multiplicidade de sentidos e significados relacionados à religião, como cuidado com o divino', e até mesmo preocupação com o que é divino e, não apenas, com a ação de reunir-se a Deus.

Para definir *religio* considera-se como religião a realidade da sociabilização enquanto processo de comunicação sobre o sagrado e o profano na dimensão divina. Nesta mesma direção, Hock (2010, p. 30) conceitua religião como aquilo que “cria a realidade e ganha forma real através dos atos sociais”.

Um conjunto de práticas e crenças cuidadosamente reunidas ou reexaminadas em seu sentido primeiro. Para o Cristianismo os termos *religio* e *religare* são tomados como sinônimos, embora as diferenças fundamentais sejam levadas em conta a título de esclarecimentos epistemológicos (Azevedo, 2010, p. 71).

Recorre-se ao pensamento de Derrida e Vattimo (2000, p. 54), que explicam:

nem sempre houve, continua não havendo e nunca haverá por toda a parte algo, uma coisa una e identificável, idêntica a si mesma que leve religiosos ou irreligiosos a ficar de acordo para lhe atribuir o nome '*religião*'. Com efeito, o estudo etimológico da palavra não engloba toda a sua plenitude de sentidos e significados de um termo e não traduz uma compreensão própria porque carece do contexto, mas serve de base para a compreensão mais radical.

Justifica-se, portanto, a necessidade de situar o presente trabalho no campo das Ciências das Religiões com interdisciplinaridade com a Filosofia medieval. Com efeito, a polissemia da linguagem no uso do termo favorece os entendimentos diversificados pelos especialistas na área. Bakhtin e Voloshinov (1999, p. 123) defendem que

a verdadeira substância da língua, não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. Dada essa condição, a linguagem preenche qualquer espécie de função ideológica, científica, estética, moral, religiosa.

Notadamente, com as diferenciações dos conceitos, cabe delimitar o campo das Ciências das Religiões e mostrar a interdisciplinaridade possível com a Filosofia medieval. O

período da Filosofia medieval contou com o ser humano que tem sede pelo saber, assim como atualmente. A Filosofia patrística perdurou do século I ao século VII, segundo Chauí (1994, p. 53):

Inicia-se com as Epístolas de São Paulo e o Evangelho de São João e termina no século VIII, quando teve início a Filosofia medieval. A patrística resultou do esforço feito pelos dois apóstolos intelectuais (Paulo e João) e pelos primeiros Padres da Igreja para conciliar a nova religião – o Cristianismo – com o pensamento filosófico dos gregos e romanos, pois somente com tal conciliação seria possível convencer os pagãos da nova verdade e convertê-los a ela.

Os doutores da Igreja e evangelistas, Paulo e João, contribuíram para a Filosofia medieval ao se debruçarem nos conhecimentos existentes advindos dos filósofos gregos e romanos e aprimorarem os argumentos. O sentido maior é o de convencer as pessoas a acreditarem na nova verdade, o Cristianismo. Segundo Chauí (1994, p. 54),

a Filosofia medieval (do século VIII ao século XIV) abrange pensadores europeus, árabes e judeus. É o período em que a Igreja Romana dominava a Europa, ungia e coroava reis, organizava Cruzadas à Terra Santa e criava, à volta das catedrais, as primeiras universidades ou escolas. E, a partir do século XII, por ter sido ensinada nas escolas, a Filosofia medieval também é conhecida com o nome de Escolástica. [...] Conservando e discutindo os mesmos problemas que a patrística, a Filosofia medieval acrescentou outros – particularmente um, conhecido com o nome de Problemas dos Universais – e, além de Platão e Aristóteles, sofreu uma grande influência das ideias de Santo Agostinho. Durante esse período surge a Filosofia cristã, que é, na verdade, a teologia.

A influência de Platão e Aristóteles no escopo da Filosofia medieval pode ser observada na obra de Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino, respectivamente. A partir das teorias desses pensadores e doutores da Igreja argumenta-se a diferença e separação entre o ser finito, humano, em relação ao ser infinito, Deus (Santo Agostinho, 1998); com isso a Patrística advém das leituras dos textos de Platão:

A diferença e separação entre infinito (Deus) e finito (homem, mundo), a diferença entre razão e fé (a primeira deve subordinar-se à segunda), a diferença e separação entre corpo (matéria) e alma (espírito), O Universo como uma hierarquia de seres, onde os superiores dominam e governam os inferiores (Deus, anjos, alma, corpo, animais, vegetais, minerais), a subordinação do poder temporal

dos reis e barões ao poder espiritual de papas e bispos: eis os grandes temas da Filosofia medieval (Chauí, 1994, p. 55).

Para que serve conhecer a relação entre as Ciências das Religiões e a Filosofia medieval? Para distinguir o foco no conceito de fé, que se distancia do conceito de razão; saber que são áreas independentes em seus enfoques teóricos; perceber que a discussão entre ciências das religiões e a filosofia medieval pode favorecer diálogos profícuos, que concordam e discordam em suas teses sobre as formas de entender a vida humana.

Desse modo, encontram-se pontos que se relacionam entre os campos das ciências das religiões e da filosofia medieval na tese em que há integração, não há uma rígida demarcação de fronteiras. A Filosofia medieval contribuiu para a preservação dos conhecimentos em universidades, escolas e bibliotecas. O mais importante nessa discussão é compreender que são grandes áreas que se aproximam em alguns pontos e se distanciam em outros.

## **FERRAMENTA QUE SUPORTA TÉCNICAS DE ANÁLISE TEXTUAL: IRAMUTEQ E POLIFONIA DE VOZES NA ANÁLISE DO DISCURSO BAKHTINIANA**

Para compor o *corpus* nesta pesquisa foram extraídos segmentos de textos, da obra *A vida feliz*, com a ferramenta IraMuTeQ. Estes trechos foram analisados a partir do conceito de polifonia de vozes do filósofo e linguista russo Bakhtin (2008). Trata-se de estudo com abordagem de natureza qualitativa, método exploratório, documental e bibliográfico. Resumidamente, a análise do discurso tem por base o quadro teórico-metodológico bakhtiniano quanto à polifonia de vozes por meio da aplicação do *software* IraMuTeQ.

Como critérios de inclusão adota-se a obra como objeto de estudo, os segmentos de texto extraídos desse documento e as palavras-chave. A sequência de procedimentos no desenvolvimento da pesquisa iniciou-se copiando a obra no Bloco de Notas, na íntegra, para compartilhar de modo compatível com a ferramenta IraMuTeQ, que entregou palavras e segmentos de textos, os quais foram extraídos e servem de base para compreender

como Santo Agostinho (1998) argumentou sobre a dinâmica do ser humano para atingir a almejada vida feliz.

Descrever a ferramenta IRaMuTeQ e o quadro teórico-metodológico da análise do discurso bakhtiniana consiste em mostrar a utilização da tecnologia aliada ao conceito de polifonia de vozes, usado para compreender o contexto dos dados extraídos do *corpus*, a obra *A vida feliz*. O primeiro passo é configurar o *corpus* a ser analisado, colocar todos os textos em um único arquivo, no bloco de notas. Em seguida, separar os textos com linhas de comando (com asteriscos), “Por exemplo: \*\*\*\* \*n\_014 \*sex\_1 \*posic\_1 \*cur\_2” (Camargo ; Justo, 2013, p. 6), por fim, processar a análise no *software* IRaMuTeQ.

De acordo com Camargo e Justo (2013, p. 2), “O *corpus* é construído pelo pesquisador. É o conjunto texto que se pretende analisar”, parte-se desse entendimento, além disso com o uso do *Tutorial para uso do software de análise textual*, disponibilizado por Camargo e Justo (2013). Neste, detalham as principais indicações para o uso da “Interface de R *pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*. O IRaMuTeQ não é completo, em vista da grande gama de procedimentos envolvidas na aplicação deste *software*”. Os autores explicam que as análises possíveis sobre o *corpus* textual são cinco: 1) Estatísticas textuais clássicas. 2) Pesquisa de especificidades a partir de segmentação definida do texto. 3) Classificação Hierárquica Descendente (CHD) conforme o método descrito por Reinert (1987 e 1990). 4) Análise de similitude de palavras presentes no texto. 5) Nuvem de palavras.

O *software* IRaMuTeQ é uma ferramenta-base. Nesta pesquisa serviu para a estatística de dados em Nuvem de palavras, análise de similitude e Classificação Hierárquica Descendente (CHD), para a formação do *corpus*. Faz-se mister apresentar o IRaMuTeQ, que é um *software* gratuito, desenvolvido por Pierre Ratinaud (2012), licenciado por GNU GPL (v2).

A Nuvem de palavras é a Figura que “[...] agrupa as palavras e as organiza graficamente em função da frequência” (Camargo; Justo, 2013, p. 6).

Análise de similitude consiste em “tipo de análise que baseia na teoria dos grafos de Marchand & Ratinaud (2012), e é utilizada frequentemente por pesquisadores das representações sociais” (Camargo; Justo, 2013, p. 7). Nesta pesquisa aplicam-se os grafos para compreender as ligações entre os termos, do forte para o mais forte, apreendendo as conexões entre as palavras-chave da obra *A vida feliz*, de Santo Agostinho (1998).

Sobre a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), são “Os segmentos de texto classificados em função dos seus respectivos vocabulários, e o conjunto deles é repartido em função da frequência das formas reduzidas” (Camargo; Justo, 2013, p. 5). Este é o passo mais complexo da presente análise por exigir relações polifônicas de vozes com sentidos e significados mais amplos.

Descreve-se a metodologia para mostrar os caminhos trilhados nesta pesquisa de cunho bibliográfico. Não obstante, pode servir de modelo para outras pesquisas com objetivos diversos. Como dito, o texto foi colocado no bloco de notas e rodado no IraMuTeQ. Esta ferramenta entregou “textos separados em linhas de comando, também chamados de ‘linhas com asteriscos’. [...] a depender de cada pesquisa e o número de textos coletados” (Camargo; Justo, 2013, p. 3).

Para esta investigação foi feito um balanceamento das modalidades das variáveis utilizadas. O método aplicado disponibilizou segmentos de texto, “na maior parte das vezes, no tamanho em linhas dimensionadas previamente delimitadas pelos pesquisadores” (Camargo; Justo, 2013, p. 4), em função do tamanho do *corpus*, considerado de tamanho médio, por ser um livro, foi possível personalizar os parágrafos, configurado pelos pesquisadores com o mínimo de três linhas, isso foi feito devido à necessidade de se ter textos com sentidos completos.

Com os segmentos de textos encontrados a partir do resultado que o IraMuTeQ entregou foi possível formar citações diretas, curtas e longas, para realizar a análise do discurso à luz da polifonia de vozes, que é “a característica do texto ressoar ao lado da palavra do autor”. De acordo com o pensamento do filósofo e linguista russo Bakhtin (2008), cada texto é composto pelo autor, a sua voz agrega-se a outras vozes que atribuem significados e sentidos outros ao discurso, pois todos os discursos são heterogêneos.

Especificamente, quando da contribuição dos argumentos para elaborar o conceito de felicidade, no diálogo de Santo Agostinho (1998) e seus interlocutores, encontra-se a voz de Santa Mônica, a mãe do filósofo, que faz parte do diálogo e é ouvida com atenção e respeito por todos os presentes, a participação dessa mulher no diálogo filósofo é uma contribuição singular para o debate sobre a vida feliz.

O quadro teórico-metodológico da filosofia bakhtiniana da linguagem permite demonstrar o caminho utilizado para a análise dos segmentos de textos extraídos do IRaMuTeQ,

concentrando-se nas equipolências das vozes, como característica da polifonia medieval, uma vez que Bakhtin (2008) desenvolve esse entendimento partindo da análise do romance de Dostoiévski. O linguista e filósofo russo criou essa perspectiva tomando emprestado o termo da música, considerando a heterogeneidade linguística, multiplicidade de vozes em conjunto harmonioso, conforme explica Bakhtin (2008) em *Problemas da Poética em Dostoiévski* (PPD):

Em toda parte, é o cruzamento, a consonância ou a dissonância de réplicas do diálogo aberto com as réplicas do diálogo interior dos heróis. Em toda parte um determinado conjunto de ideias, pensamentos e palavras passa por várias vozes imiscíveis, soando em cada uma de modo diferente (2008, p. 308).

Nesta análise linguística a categoria que fundamenta cada análise é a polifonia de vozes: “do homem medieval e da cultura popular da Idade Média” (Bakhtin, 2013, p. 71), que é abordado em outra obra bakhtiniana, a saber, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. Nesta, encontra-se o conceito de enunciado, uma unidade textual com complexa e multidimensional organização, que se insere na manifestação não apenas da voz de um único falante. Isto ocorre porque não há o Adão mítico. De acordo com Bakhtin (2013, p. 71), “O enunciado contém diferentes esferas sociais e interage com outros já-ditos”. Portanto, a polifonia é um conceito advindo do mundo musical, consiste em multiplicidade de sons em conjuntos harmoniosos, por reunir múltiplas vozes que são oriundas de diferentes esferas sociais da sociedade: histórica e ideológica.

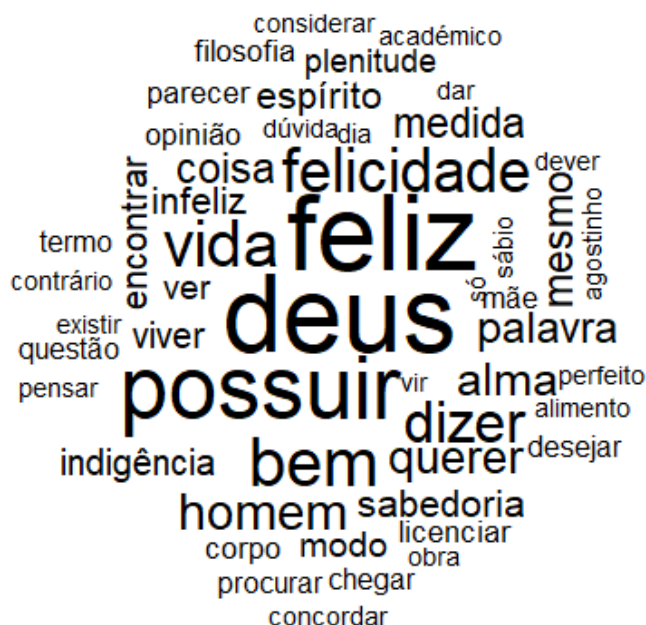
Em resumo, o conceito de polifonia é aplicado na análise do discurso de Santo Agostinho (1998). Os achados da pesquisa, portanto, são os segmentos de textos e classes formadas na Classificação Hierárquica Descendente (CHD) fornecidas pela ferramenta: o *software* IRaMuTeQ. Aqui, portanto, unem-se teoria e tecnologia a serviço da pesquisa científica e da busca pelo conceito de felicidade e de como o ser humano alcança a vida feliz, a partir do pensamento agostiniano.

## DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta seção tem por objetivo apresentar os resultados colhidos nesta pesquisa. Iniciando com o uso da ferramenta IRaMuTeQ obteve-se os seguintes resultados: Nuvem de Pala-

vras, Análise de Similitude e Classificação Hierárquica Descendente (CHD). A manipulação do *software* IramuTeQ, após inserir o texto *A vida feliz*, no formato de bloco de notas, revelou inicialmente, os termos mais frequentes: feliz, deus e possuir, os quais foram retratados no centro da Nuvem de Palavras, conforme mostra a Figura 1:

**Figura 1:** Resultado em nuvem de palavras (IRaMuTeQ)



Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

Ao evidenciar cada termo com fontes de tamanhos variados, palavras com a fonte pequena estão na periferia; aquelas de fonte com o tamanho médio, no meio; e, as palavras que aparecem com a fonte tamanho grande estão no centro da imagem. Estas últimas aparecem em destaque por representar os termos com maior número de frequência e, por conseguinte, são as palavras mais usadas na argumentação do tema pelo autor e seus interlocutores. Assim, todas as nuvens de palavras seguem essa lógica, cada palavra aparece do tamanho que ocorre a sua frequência no texto analisado.

A análise textual permite apontar para as palavras na periferia, portanto, são termos de menor tamanho na Nuvem de Palavra e, por conseguinte, menor frequência: pensar ( $f = 11$ ), Agostinho ( $f = 19$ ), filosofia ( $f = 21$ ), homem ( $f = 28$ ). Embora a análise mostre essas, entre outras palavras, de frequência menor, são registros suficientes para demons-

trar a relevância quando se trata do conceito de felicidade para Santo Agostinho (1998), na obra *A vida feliz*.

De início, entender a preocupação de Santo Agostinho (1998) na busca pelo conceito de felicidade consiste em observar a frequência das palavras iniciais e mais recorrentes nos argumentos desenvolvidos na obra agostiniana: feliz (f = 83), deus (f = 59) e possuir (f = 59) são os termos de maior frequência.

Esses termos estão diretamente relacionados com a pergunta-problema e o objetivo geral, que é o de analisar as questões mais aprofundadas nas Ciências das Religiões e na Filosofia Medieval sobre ‘a vida feliz’. As palavras que ocuparam a posição de destaque na figura, pela maior frequência com que foram citadas na obra *A vida feliz*, apontam para o entendimento agostiniano sobre a medida adequada para ser feliz.

Não obstante, nuvem de palavras é uma técnica com limitação evidente para que se possa inferir as relações dos termos com as questões centrais sobre a felicidade e a vida feliz do ser do ser humano. Ou seja, sobre o conceito de vida feliz não se deduz muita coisa com esta técnica, embora reconhecida a relevância do vocabulário, além de evidenciar o pensamento agostiniano.

Os dados extraídos da referida obra foram organizados em bloco de notas e rodados no *software*, cujas ocorrências são apresentadas pela forma hierárquica, da maior frequência para a menor: feliz (f = 83), deus (f = 59), possuir (f = 59) felicidade (f = 56), bem (f = 42), palavra (f = 35). Na análise do discurso com base na polifonia de vozes observa-se que a filosofia agostiniana dialoga com as reflexões religiosas ao identificar a grande frequência, além dos termos “feliz”, “deus” e “possuir”, os termos “felicidade”, “bem” e “palavra”, apenas para citar alguns. Vê-se que a felicidade do ser humano liga-se fortemente ao bem que é tudo que se busca quando se quer alcançar a vida feliz. Torna-se evidente as vozes da palavra divina, que estão presentes nestes termos analisados.

Outros termos que se destacam, em menor frequência, na Nuvem de Palavras são: infeliz (f = 30), espírito (f = 29), sabedoria (f = 29), homem (f = 28), indigência (f = 28), corpo (f = 24), plenitude (f = 23), filosofia (f = 21), licenciar (f = 21). Nestes estão, portanto, estão interligados fortemente as questões da filosofia e da religião por terem frequências iguais espírito e sabedoria, ambas aparecem 29 vezes na obra *A vida feliz*, revelando que

são igualmente essenciais a vida no espírito, a religião e o amor à sabedoria, que é a filosofia.

Em menor a frequência, porém com relevância para esta pesquisa estão os termos: mãe (f = 19), alma (f = 19), questão (f = 19), sábio (f = 18), opinião (f = 17), dúvida (f = 16), obra (f = 16), alimento (f = 16), acadêmico (f = 15), contrário (f = 14), dizer (f = 12). De modo similar ao que se percebeu até o momento, a igual frequência de alma (religião) e questão (filosofia), ambas aparecem 19 vezes na obra agostiniana, revela o quanto a felicidade é uma questão humana e singular, que está na alma de cada pessoa que questiona e reflete sobre a vida feliz.

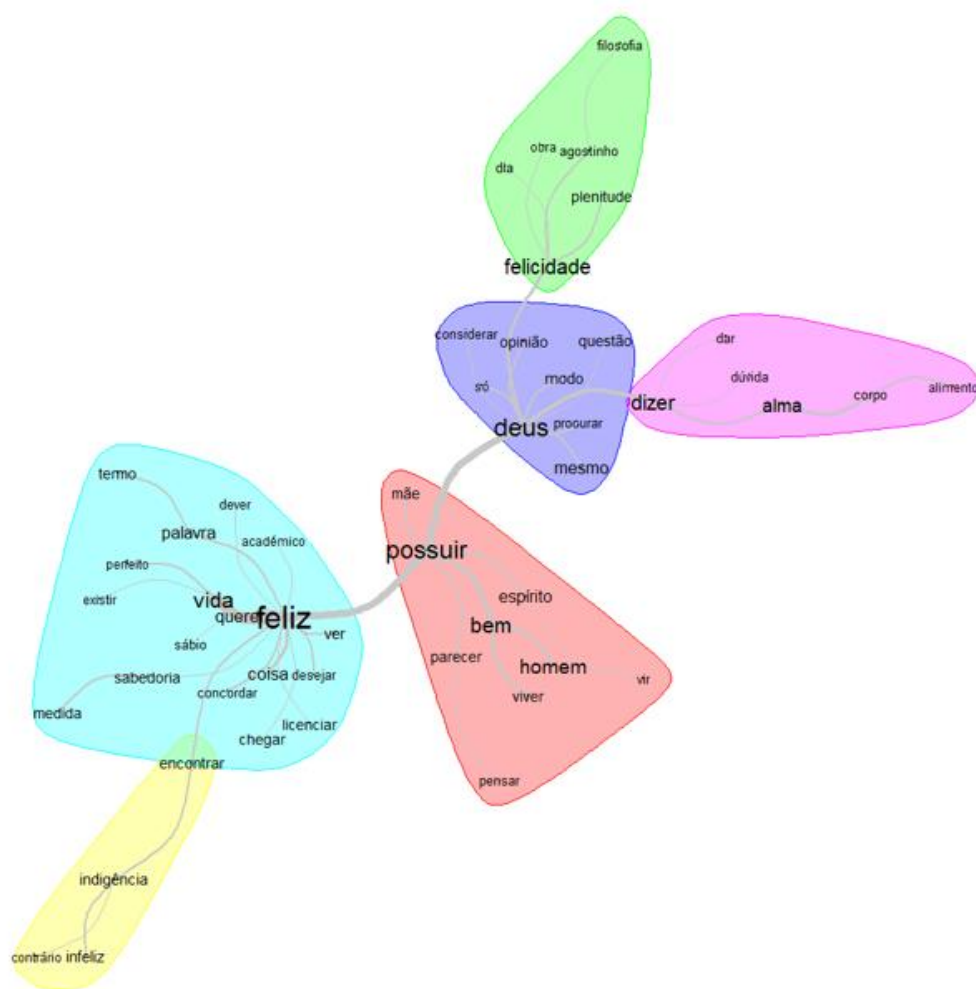
Por fim, a frequências desses termos são dignas de nota por mostrar termos da argumentação agostiniana sobre a felicidade: encontrar (f = 9), perfeito (f = 8), ver (f = 8), concordar (f = 7), chegar (f = 7), feliz (f = 6), procurar (f = 6), felicidade (f = 5), querer (f = 5), desejar (f = 4), dever (f = 4), dar (f = 3), existir (f = 2), felizes (f = 2), vida feliz (f = 1), pensar (f = 1 - Hapax<sup>1</sup>). Com efeito, não se consegue estabelecer associações entre as palavras, esta é uma limitação técnica da ferramenta.

Diante da constatação de limitação da Nuvem de palavras, a fim de vencer este obstáculo, realizou-se a Análise de similitude. Este recurso permite observar eixos semânticos para os estudos sincrônicos e diacrônicos da significação das palavras e suas relações principais e secundários. Com isso é possível interpretar ligações entre as palavras, observa-se três eixos com ligações mais forte dos termos semânticos principais interrelacionados: feliz, deus e possuir, pode-se analisar o discurso e a polifonia de vozes porque há linhas da forte para a mais forte, que ligam alguns termos:

**Figura 2:** Resultado em árvore da análise de similitude (IRaMuTeQ)

---

<sup>1</sup> Palavras que aparecem uma única vez na análise do IRaMuTeQ.



Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

Dando continuidade com a análise do que foi entregue pelo IRaMuTeQ, observa-se os eixos com vocábulos significativos quando da conceituação da vida feliz, “possuir” é o verbo fortemente relacionado centralizado, que se interliga com “mãe”, “espírito”, “bem”, “homem”, “viver”, “parecer”, “pensar” e “vir”. Neste eixo, encontram-se organizações do ato de “possuir” para alcançar a felicidade. Observa-se que não é mais a frequência que norteia a ligação entre os termos, e sim, os eixos de ligação entre um termo e outro.

As três palavras centrais são mostradas a partir dos eixos ligados do forte para o mais forte: possuir, feliz e deus. A este último agregam-se os termos dizer e felicidade. Não obstante, os três eixos principais são considerados objeto desta análise por mostrarem a similitude fortemente relacionada com o sentido de viver feliz, pois “Só quem possui a Deus é feliz” (Santo Agostinho, 1998, p. 129). Com essa evidência antecipa-se o entendimento que na ausência de Deus o ser humano não alcança a vida feliz.

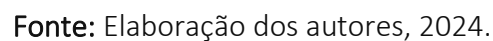
Na amostra do texto, Deus leva à felicidade. A este termo que é forte nos argumentos para o conceito de felicidade, associam-se as palavras: “considerar”, “opinião”, “questão”, “só”, “modo”, “procurar” e “mesmo” significam entrelaçamentos que circundam a palavra “deus” com uma forte ligação, desta, ocorrem ligações com as palavras que aparecem com uma linha mais fraca, embora sejam essenciais para compreender o raciocínio desenvolvido na obra. De um lado: “dizer”, “dar”, “dúvida”, “alma” e “alimento”, são palavras que fundamentam a busca pela felicidade e, de outro lado: “felicidade”, “plenitude”, “dia”, “obra”, “Agostinho” e “filosofia”, as que ratificam e fortalecem o viver feliz do ser humano.

Assim como, ao redor do eixo “feliz” estão organizados em sentidos mais amplos os termos: “querer”, “vida”, “ver”, “sábio”, “coisa”, “desejar”, “concordar”, “licenciar”, “chegar”, “sabedoria”, “medida”, “existir”, “perfeito”, “palavra”, “termo”, “dever”, “acadêmico” e “encontrar”. Nesta análise de similitude desdobra-se da palavra “encontrar” outra ligação mais fraca, porém muito importante, ligando os termos: “indigências”, “contrário” e “infeliz”, como contraponto ao que se almeja quando se quer alcançar a vida feliz.

As similitudes encontradas vão na direção do que coaduna com o tema, bem como do que se distancia, e servem como contra-argumentos para se compreender o conceito de felicidade desenvolvido na obra analisada. A *vida feliz*, portanto, inclui uma busca por meio de Deus e está ligada a medida com que o ser humano se aproxima do perfeito e da sabedoria suprema.

Embora a análise de similitude avance nas relações das palavras e o sentido do que significam no discurso do texto analisado, da mesma da nuvem de palavras, constata-se limitações. Ao elencar palavras e suas ligações, algumas mais fortes e outras com linhas mais fracas é possível avançar em comparação com a técnica anterior. Faltam informações para verificar o contexto lexical como base da estrutura do argumento, o que permite atribuir o significado, por exemplo, da polifonia de vozes. Segue-se com a análise da Classificação Hierárquica Descendente, conferir a Figura 3.

**Figura 3:** Classificação temática – dendrograma



Apresentar o conceito de felicidade a partir de uma análise de texto usando o *software* IRaMuTeQ requer mostrar os fragmentos de textos evidenciados, a exemplo da argumentação de Santa Mônica sobre os acadêmicos:

Aí é Santa Mônica, mãe de Agostinho, que responde à pergunta do filho, feita sobre afirmação idêntica à do diálogo CONTRA ACADÉMICOS, de que o homem deseja ser feliz: — «É feliz quem tem o que deseja? Respondeu dizendo: — *Si Bona velit et habeat beatus est; si autem mala velit quamvis habeat miser est*. «Se quer e possui o bem, é feliz; se quer o mal, ainda que o possua é desgraçado». (Almeida, *In: Santo Agostinho*, 1957, p. 18).

Esse argumento remete ao fim (*telos*) para todo ser humano, que vive em busca da sabedoria e da felicidade. Na polifonia encontra-se a voz do orador Cícero (106 a.C. – 43 a.C.), considerado por Santo Agostinho (1957) como referência quanto aos estudos de retórica, porque mostra o bem como o fim a ser atingido. Na sua obra, “*Hortensius* de Cícero foi um texto fundamental para que se sentisse atraído pela Filosofia” (Almeida, *In: Santo Agostinho*, 1957, p. 17):

E o argumento de Santa Mônica de que o homem que se contentasse com certos bens teria a felicidade não pela posse do desejado, mas pela moderação do desejo, aplica-se reflexamente ao sábio modelar que se julgasse feliz embora despojado de qualquer bem material (Almeida, *In: Santo Agostinho*, 1957, p. 19).

Por fim, essa explicação, está justificada no seguinte ensinamento: no bem ( $f = 42$ ), é aí que está a felicidade e, não, no contrário, em ter coisas em demasia ou no infeliz ( $f = 30$ ), mencionado tantas vezes por oposição. O mal é desgraçado, e nas palavras de Santa Mônica (Santo Agostinho, 1998, p. 18) ecoa a voz de Santo Agostinho (1998). Não obstante nessa participação, a fala de Mônica encontra-se marcada de modo efetivo no texto *A vida feliz* (Santo Agostinho, 1998), no qual extrai-se esse segmento de texto:

— Pois ainda hoje, tu mesmo nos mostraste como e de onde a alma tira o seu alimento. Posto que, pouco após o início da refeição, disseste que não tinhas notado de qual prato nós nos tínhamos servido. Isso porque, certamente, pensavas em não sei quê. Entretanto, não te privaste de tomar com as mãos e a boca sem prestar nenhuma atenção? Assim, acredita-me, é de tais alimentos, isto é, das próprias ideias e pensamentos que a alma se alimenta. Tomara que ela chegue a aprender algo por esse meio (Santo Agostinho, 1998, p. 126).

No fragmento que evidencia o verbo “possuir” encontra-se o posicionamento agostiniano, ratificando o conceito de felicidade, com fortes ligações ao termo “feliz”, um dos eixos da tríade formada com “Deus”:

uma coisa é possuir a Deus; outra, não estar sem ele. [...] Pelo que posso compreender, ponderou ela, eis a minha opinião: quem vive bem possui a Deus, mas como distante (*infestum*). E quem quer que esteja à procura, sem, todavia, o ter encontrado ainda, não possui a Deus nem propício nem molesto. Contudo, não está sem Deus (Santo Agostinho, 1998, p. 135-136).

A voz de Mônica em seu argumento sobre a vida feliz conduzirá a formulação principal da tese agostiniana, há o entrelaçamento nas vozes de mãe e filho, conforme afirma a mãe:

Quanto a mim, replicou ela, parece-me que não há ninguém que não possua a Deus. Entretanto, aquele que vive bem possui a Deus como um amigo benévolo, e quem vive mal, como alguém que lhe é distante” (Santo Agostinho, 1998, p.140).

Na voz de Mônica está o conceito cristão de criatura, aquele que não existe sem o seu Criador, que é Deus, a quem é ligado de modo primordial. O conceito de felicidade na obra *A vida feliz* concentra-se nos argumentos de Santo Agostinho e Santa Mônica, o conteúdo teórico a partir de outros autores, na revisão de literatura, mostra-se pela necessidade de se estudar a referida teoria para fundamentar o trabalho do raciocínio crítico para a vida.

A argumentação de Santa Mônica é necessária para perceber a profundidade dos estudos filosóficos de uma mulher, mesmo em uma época como o Medievo, quando a mulher estava em segundo plano, o que evidencia que ainda havia a proeminência feminina na Filosofia contribuindo para os fundamentos do conhecimento humano filosófico-religiosos. Na leitura do *software*, portanto, encontra-se a força da palavra quando o objetivo é alcançar o conceito de felicidade, como foi proposto neste trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao compilar os argumentos de Santo Agostinho apresentando os resultados sobre o conceito de felicidade com base na ferramenta IRaMuTeQ, de interface de R para o programa estatístico *Pourles Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRaMuTeQ), tecnologia de pesquisa que fornece a Nuvem de palavras, Análise de similitude e Classificação Hierárquica Descendente (CHD). Esta é uma pesquisa interdisciplinar entre os campos das Ciências das Religiões com a Filosofia Medieval, tarefa interdisciplinar com

certos obstáculos por se tratar de uma pesquisa de natureza qualitativa, de cunho documental e de caráter interpretativo.

Analisar a obra *A vida feliz* de Santo Agostinho (1998) usando um software estatístico principalmente com base na polifonia de vozes consiste em compreender o conceito de felicidade analisando as palavras e suas conexões. Esta não foi uma tarefa fácil, pois exigiu recorrer a filosofia bakhtiniana da linguagem, no concerne à análise do discurso aliada à tecnologia.

Inicialmente, apresentou-se o contexto da obra agostiniana, em seguida a interdisciplinaridade, que marca a pesquisa com predominância nas Ciências das Religiões e, por último, as análises de palavras e segmentos de textos. Para elaborar a presente discussão dos dados coletados recorreu-se ao que o contexto da obra agostiniana mostra, recorrendo aos estudos da filósofa brasileira Chauí (1994), a fim de compreender Platão, Aristóteles, e Cícero, devido à influência que exerceram na formação de Santo Agostinho. Isto para comprovar os argumentos agostinianos, fundamentados na felicidade do ser humano a partir dos termos: feliz, possui, Deus, os de maior frequência no livro *A vida feliz*.

O conceito de Felicidade, para Santo Agostinho, apoiado na posição de sua mãe, Santa Mônica, radica em possuir a Deus, que é o caminho, a verdade e a vida, a fonte de toda a felicidade que o ser humano pode alcançar, almejar e merecer.

Os resultados e as discussões, na medida do possível, formaram uma base de dados sólida, que pode favorecer pesquisas futuras, a exemplo da delimitação das categorias filosóficas, “alma” e “corpo” para a concepção religiosa agostiniana. Outra pesquisa que se faz necessária é investigar o conceito de bem no pensamento agostiniano no campo das Ciências das Religiões, apenas para citar tema de aprofundamentos dos estudos metodológicos com a ferramenta IRaMuTeQ e a polifonia de vozes bakhtiniana, partir do que está apresentado nesta pesquisa.

A construção desta reflexão, que se mostra nas relações entre as palavras, ganha sentido e significado por conta do contexto bem definido, da polifonia de vozes nos argumentos de Santo Agostinho e Santa Mônica, e dos argumentos na obra *A vida feliz*. A teoria filosófica medieval e as Ciências da Religiões formam uma fusão que possibilita explicar o que é a felicidade como algo que faz parte da essência da condição humana.

## REFERÊNCIAS

AMBRÓSIO, Aurélio Santo. **A Virgindade**. Tradução Oficial da Coleção Os Padres da Igreja. Petrópolis: Vozes, 1980.

AZEVEDO, Cristiane A. **A procura do conceito de religio: entre o relegere e o religare**. 2010. Revista Religare 7 (1), 90-96, março de 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/9773> . Acesso em: 20 MAIO 2023.

BENVENISTE, E. **Le vocabulaire des institutions indoeuropéennes**. Paris: Gallimard, 1966.

BÍBLIA. **Bíblia sagrada**. Tradução Oficial da CNBB. São Paulo: Paulus, 1990.

BAKHTIN, Mikhail M. ; VOLOSHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAKHTIN, Mikhail M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2008.

BAKHTIN, Mikhail M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2013.

CAMARGO, Brígido Vizeu ; JUSTO, Ana Maria. **Tutorial para uso do software de análise textual IRaMuTeQ**. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.

C.PRANDI. **As ciências das religiões**. São Paulo: Paulus, 1987.

DERRIDA, Jacques e VATTIMO, Gionni (Org.). **A Religião: o seminário de Capri**. Tradução de Roberta Barni et al. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

HOCK, Klauss. O que é religião? *In: Introdução à Ciência da Religião*. São Paulo: Editora Loyola, 2010.

MARCHAND, P. ; RATINAUD, P. L'analyse de similitude appliquee aux corpus textuelles: les primaires socialistes pour l'élection présidentielle française. In Actes des 11eme Journées internationales d'Analyse statistique des Données Textuelles. Liège, Belgique, p. 687-699, 2012.

SANTO AGOSTINHO, Aurélio de Hipona. **Contra os acadêmicos: diálogo em três livros**. Tradução e prefácio de Vieira de Almeida. Coimbra: Ed. Universitária, 1957.

SANTO AGOSTINHO, Aurélio de Hipona. **A vida feliz**. Tradução de Nair Assis de Oliveira. Introdução e notas de Roque Frangiotti. São Paulo: Paulus, 1998.

## ABSTRACT

The interdisciplinarity between the Religious Studies and medieval philosophy shapes the field of this research, a necessary and urgent debate about the comprehension of the meaning of happiness, a condition desired by every human being. The general objective is to analyze Saint Augustine's work *On the happy life* by using the interface of R software for the statistical program *Pourles Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRaMuTeQ), a research technology that provides a cloud of words, analysis of similarity, and Descending Hierarchical Classification (DHC). The results compose the *corpus* with text segments, data whose contexts will be treated based on the Bakhtinian theoretical-methodological framework, discourse analysis methodology, of qualitative nature and interpretative method.

**Keywords:** IraMuTeQ. On the happy life. Saint Augustine. Religious studies. Medieval Philosophy.

Recebido em 08/06/2024

Aceito para publicação em 25/08/2024